

PROJEÇÕES POPULACIONAIS PARA CAMPINAS E REGIÃO: PARTE I - TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE CAMPINAS 1970-1993

Paulo de Martino Jannuzzi¹

1. APRESENTAÇÃO

Este texto apresenta um panorama descritivo das transformações demográficas na Região Administrativa de Campinas no período de 1970 a 1993, descrevendo as mudanças ocorridas em termos de nível e padrão das três componentes da dinâmica populacional - fecundidade, mortalidade e migração - em termos do agregado regional.

Trata-se do primeiro relatório de um projeto de pesquisa que visou a elaboração de projeções populacionais para Campinas e sua hinterlândia para o período de 2000-2025, cujos resultados se espera publicar em número subsequente do presente periódico.

Assim, o desenvolvimento do texto se pautou na descrição de tendências e apresentação de taxas demográficas no formato apropriado para utilização no modelo de projeções demográficas descrito em Nações Unidas (1989), qual seja, o Método das Componentes.

2. DINÂMICA DA FECUNDIDADE NA REGIÃO

A configuração demográfica atual da Região Administrativa de Campinas tem muitas vinculações com o processo de interiorização do de-

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade de Campinas (FACECA/PUCCAMP), Mestre em Administração Pública pela EAESP/FGV, Doutorando em Demografia no IFCH/UNICAMP.

envolvimento econômico desencadeado nos anos 60 no Estado. Ao crescimento vegetativo da região nas últimas décadas, somaram-se volumosos fluxos de migrantes vindos de diversas localidades do Estado e do País, motivados pela pujança do desenvolvimento da Indústria de Transformação, da Agro-indústria para exportação, do Polo científico-tecnológico.

Assim, a região que revelara, nos anos 40, uma taxa de crescimento de 0.79 % ao ano (em um saldo migratório negativo de mais de 100 mil pessoas), passou a apresentar, a partir da década seguinte, taxas de crescimento não inferiores a 2,8 % aa. As maiores taxas (4,4% aa) foram atingidas no "Milagre econômico" dos 70, quando a região recebeu portentosos investimentos governamentais em infra-estrutura.

Naturalmente, a magnitude da mudança socioeconômica não poderia ter deixado de induzir profundas repercussões na dinâmica populacional em suas três dimensões.

Com relação à fecundidade, é importante destacar que a RA Campinas apresentou, ao longo dos anos 70 e 80, taxas de fecundidade total (TFTs) comparativamente mais baixas que a média estadual. Partindo de níveis de 3,5 filhos/mulher em 1970, a TFT reduziu-se a níveis de 2,2 em 1990. Na última década a queda foi de quase 30%, uma intensidade muito mais elevada que a verificada nos anos 70 (8%), como se pode verificar na tabela e gráfico 1. Observe-se que, na primeira metade da década de 80, a fecundidade reduzia-se a quase 4% em média ao ano, seguindo a tendência estadual. Nos últimos anos tem havido uma tendência de aproximação das taxas.

Tabela 1 : Taxa Total de Fecundidade
Estado de São Paulo e RA Campinas 1970 - 1992

	Anos						Variação %	
	1970	1975	1980	1985	1990	1992	70/80	80/90
RA Campinas	3.49	3.31	3.22	2.61	2.26	2.18	-7,7	-29,8
var med aa %		-1.0	-0.5	-3.8	-2.7	-1.8		
Estado	4.20	3.37	3.39	2.84	2.44	2.28	-19,3	-28,0
var med aa %		-4.0	0.1	-3.2	-2.8	-1.3		

Fontes: 1970 e 1975: Wong(1986)

Demais anos: Arquivo Demográfico F.Seade

Neste período aqui analisado, o comportamento das taxas específicas por faixa etária revela um padrão semelhante a aquele descrito para a população feminina do Estado: redução da idade média da fecundidade, com conseqüente adiantamento da cúspide, aumento da concentração da distribuição em torno da média e aumento da fecundidade na faixa de 15 a 19 anos (tabela 2 e gráfico correspondente).

Entre 1970 e 1992, a idade média reduziu-se em cerca de 2,4 anos e as mulheres na faixa entre 15 a 24 anos viram sua contribuição na composição da TFT aumentar de 34 para 48%. É interessante chamar a atenção para a relativa estabilização da fecundidade das mais jovens. Depois de aumentar, na década de 70 em 34%, na década de 80, a variação foi muito pequena, e parece até ter baixado em 1985. A redução das taxas de fecundidade das mulheres mais velhas é impressionante, e só se explica pela disseminação do uso de MAC (métodos anticoncepcionais), e entre eles da esterilização (método irreversível).

Tabela 2 : Taxas específicas de fecundidade
RA Campinas 1970-1992

Fx etaria	Anos						Variação %	
	1970	1975	1980	1985	1990	1992	70/80	80/90
15-19	55.9	66.8	74.9	72.3	75.4	78.0	+34,0	+0,7
20-24	186.4	181.0	183.6	155.5	139.9	133.0	-1,5	-23,8
25-29	193.9	197.9	177.9	141.2	118.9	113.9	-8,3	-33,2
30-34	134.8	109.9	116.7	89.3	70.8	68.9	-13,4	-39,3
35-39	87.1	71.8	63.4	46.3	34.5	31.3	-23,7	-45,6
40-44	36.7	30.5	24.5	15.7	10.5	9.5	-33,2	-57,1
45-49	6.1	5.2	3.5	1.9	1.6	1.6	-42,6	-54,3
TFT	3.49	3.31	3.22	2.61	2.26	2.18	-7,7	-29,8
Id media	28.54	27.89	27.48	26.89	26.25	26.10	-3,7	-4,5
D Padrao	6.79	6.72	6.62	6.50	6.41	6.41	-2,5	-3,2
%fec(15-25)	34.4	36.5	40.1	43.6	47.7	48.4	+5,7	+7,6

Fontes: 1970 e 1975: Wong(1986)

Demais anos: Arquivo Demográfico F.Seade

3. DINÂMICA DA MORTALIDADE NA REGIÃO

A mortalidade na RA Campinas tem se apresentado em um nível também comparativamente mais baixo que a média estadual, tanto para homens como para mulheres (tabela e gráfico 3). Em termos médios, a diferença na esperança de vida ao nascer entre a RA e o Estado é de um pouco mais de 1 ano para o conjunto de homens e mulheres.

Tabela 3: Esperança de Vida ao nascer
Estado de São Paulo e RA Campinas 1960 - 1994

		Anos					Variação %		
		1960	1970	1980	1990	1994	60/70	70/80	80/90
RA Campinas	Total	62.2	63.2	67.6	70.2	70.0	+1.6	+7.0	+3.8
	Homens	60.6	60.5	64.7	66.6	66.5	-0.2	+6.9	+2.9
	Mulheres	63.8	66.4	70.9	74.0	74.0	+4.1	+6.8	+4.4
Estado SP	Total	61.2	62.6	66.7	n.d.	n.d.	+2.3	+6.5	n.d.
	Homens	59.0	59.3	63.3	64.9	n.d.	+0.5	+6.7	+2.5
	Mulheres	63.7	65.5	70.0	73.2	n.d.	+2.8	+6.9	+4.5

Fontes: 1960 a 1980 - Ortiz e Perillo (1986)

1990 - Arquivo Demográfico F.Seade - Elaboração própria

De 1960 a 1992 houve um significativo aumento na esperança de vida na RA Campinas (8 anos em média). Para as mulheres o ganho foi de mais de 10 anos; para os homens, de 6 anos. Neste período, em especial na década de 80, ampliou-se a diferença na esperança de vida média entre os sexos, tal como já apontado para o Estado. Dados mais recentes mostram uma certa estabilização na evolução da esperança de vida em 66,5 anos para homens e 74 anos para mulheres.

Tabela 4 : Taxas específicas de mortalidade
RA Campinas 1980-94

	Homens			Variação %		Mulheres			Variação %	
	1980	1990	1994	80/90	90/94	1980	1990	1994	80/90	90/94
0	40.53	25.81	23.45	-36.3	-9.1	40.51	25.81	23.44	-36.3	-9.2
1	1.68	1.02	0.76	-39.3	-25.5	1.31	0.88	0.81	-32.8	-8.0
5	0.55	0.47	0.42	-14.5	-10.6	0.38	0.31	0.30	-18.4	-3.2
10	0.67	0.46	0.51	-31.3	+10.9	0.39	0.31	0.34	-20.5	9.7
15	1.17	1.64	1.71	+40.2	+4.3	0.61	0.60	0.54	-1.6	-10.0
20	1.88	2.58	2.84	+37.2	+10.1	0.78	0.84	0.76	+7.7	-9.5
25	2.37	2.68	3.24	+13.1	+20.9	1.18	0.80	0.88	-32.2	+10.0
30	3.02	3.21	3.91	+6.3	+21.8	1.30	1.26	1.27	-3.1	+0.8
35	4.52	4.15	4.44	-8.2	+7.0	2.24	1.65	1.56	-26.3	-5.5
40	5.94	5.97	5.91	+0.5	-1.0	3.05	2.37	2.68	-22.3	13.1
45	9.67	8.82	8.03	-8.8	-9.0	4.30	3.92	4.01	-8.8	2.3
50	12.64	12.26	11.14	-3.0	-9.1	6.76	5.82	5.39	-13.9	-7.4
55	17.9	17.28	16.4	-3.5	-5.1	9.73	9.52	8.76	-2.2	-8.0
60	25.36	24.18	25.04	-4.7	+3.6	14.73	13.49	13.74	-8.4	1.9
65	37.33	37.27	38.46	-0.2	+3.2	23.31	20.34	20.87	-12.7	2.6
70	59.77	55.93	55.25	-6.4	-1.2	41.21	38.78	34.73	-5.9	-10.4
75	112.8	119.0	124.1	+5.5	+4.2	100.5	94.86	101.01	-5.6	6.5

Fonte: Arquivo Demográfico F.Seade - elaboração própria

A análise da mortalidade segundo grupos de idade e sexo revela os motivos desta evolução da esperança de vida e da ampliação da diferença entre homens e mulheres (tabela 4). A queda das taxas de mortalidade dos grupos etários até 10 anos entre 1980 e 1990 foi da mesma magnitude nos dois conjuntos. Vale destacar a queda de 36% da mortalidade infantil na região. Nas faixas de 15 a 50 anos é muito evidente a sobre-mortalidade de homens. Além disso, no período considerado, o nível da mortalidade de homens nesta faixa aumentou significativamente. Veja-se, neste sentido, o aumento em 40% do nível de mortalidade do grupo de 15 a 19 anos entre 1980 e 1990.

O padrão diferenciado da mortalidade de homens e mulheres pode ser mais claramente apreendido através dos gráficos 4 e 5. Observe-se que a "barriga" na faixa de 10 a 30 anos - caracterizando a sobre-mortalidade de homens nesta faixa - tem se ampliado ao longo do tempo. Tal fato decorre do aumento da mortalidade por causas externas - acidentes de trabalho, trânsito, homicídios etc - riscos a que homens na faixa de idade produtiva de 10 a 49 anos estão mais sujeitos que mulheres nas mesmas idades. Entre 1980 e 1990 houve um aumento de 16% nas taxas padronizadas de mortalidade por tal causa, que a tornou o terceiro grupo mais importante de causa-mortis (tabela 5).

Tabela 5 : Taxas de Mortalidade por principais grupos de causas padronizadas segundo estr. etária de 1980

RA Campinas 1980-1994

Principais causas	Mort.proporcional			Tx padronizadas			Variação %	
	1980	1990	1994	1980	1990	1994	80/90	90/94
D.Coração/Sist.Circ.	27.7	26.4	25.8	18.3	16.9	16.6	-7.6	-1.8
D.Cerebrovasculares	14.4	12.1	11.3	9.5	7.7	7.2	-18.6	-6.4
Neoplasmas	13.0	15.6	16.7	8.6	10.0	10.7	16.4	7.1
Causas Externas	10.6	12.7	13.7	7.0	8.1	8.8	15.9	8.7
D.Ap.Respiratório	9.2	9.2	9.4	6.1	5.9	6.1	-3.0	2.7
D.Infec.Parasitarias	7.6	3.8	3.5	5.0	2.4	2.3	-51.7	-6.8
Causas Perinatais	7.4	5.2	4.7	4.9	3.3	3.0	-31.9	-10.0
Sint.mal definidos	6.1	10.3	9.8	4.0	6.6	6.3	62.6	-4.4
D.Ap.Digest/urinario	4.1	4.7	5.2	2.7	3.0	3.3	11.7	9.8
Demais causas	19.8	22.5	25.2	13.1	14.4	16.2	9.8	12.7
	100.0	100.0	100.0	66.0	63.9	64.2	-3.2	0.5

Fonte: Arquivo Demográfico F.Seade - elaboração própria

A queda das taxas de mortalidade na região decorre dos avanços conseguidos para debelar a mortalidade por Doenças Infecciosas e Parasitárias e por causas perinatais. Na década passada, as taxas padronizadas de mortalidade por estas causas tiveram reduções de 52 e 32%, respectivamente. Em que pese a redução da mortalidade por doenças do coração, este é o grupo de causas identificadas responsável pela maioria dos óbitos na região (26 % em 1990). Em seguida vem os neoplasmas, que ampliou a sua participação como causa-mortis em 16 % na década passada.

4. DINÂMICA MIGRATÓRIA EM ÂMBITO MACRO-REGIONAL

Nos últimos 30 anos, a RA Campinas tem sido palco de grande atividade migratória. Já na década de 60, Campinas, Jundiaí, Limeira e suas hinterlândias exibiam taxas de crescimento demográfico mais elevadas que as do Estado, consequência de volumosos fluxos migratórios mobilizados pelo desenvolvimento regional (F.Seade 1990).

Tabela 6 : Crescimento Populacional e Migração
Estado de São Paulo e RA Campinas 1970 - 1991

Região	Taxas geom. anuais nos períodos			Taxas líq.migração	
	60/70	70/80	80/91	70/80	80/91
Estado São Paulo	3.2	3.6	2.1	147.4	21.0
RA Campinas	3.1	4.4	2.9	253.8	121.0
RG Bragança	1.4	2.6	2.5	83.1	97.5
RG Campinas	4.7	6.2	3.4	429.3	170.8
RG Jundiaí	4.9	4.9	2.7	296.6	84.4
RG Limeira	3.4	3.6	2.9	172.6	109.5
RG Piracicaba	2.2	3.2	2.7	132.2	98.3
RG Rio Claro	1.6	2.5	2.1	91.2	71.6
RG S.J.B.Vista	0.6	1.9	1.9	15.7	19.2

Fonte: Seade (1993)

Na década de 70, a RA como um todo já apresentava uma taxa de crescimento 27% superior ao do Estado, taxa esta sustentada pela intensificação do crescimento de Campinas e outras micro-regiões vizinhas. Com isso, a participação destas micro-regiões tem elevado sua

participação na RA Campinas. A Região de Governo de Rio Claro tem, historicamente, a menor participação no contingente populacional da região.

No decênio seguinte, como parte do reflexo do arrefecimento dos fluxos migratórios de longa distância, a taxa de crescimento da região diminuiu cerca de 35%, mas preservou sua superioridade em relação a do Estado (2,9 % aa contra 2,1 % aa). A taxa líquida de migração que era de 294 migrantes por mil habitantes reduziu-se mais do que pela metade (121 por mil).

Tabela 7 : Saldo migratório e Taxas Líq. Migração
RA Campinas 1980-1990

Faixa etária	Saldos migratórios 1980/90			Taxas Líquidas			Migr. base 90	
	Foward		Reserve	Average		Hom	Mulh	
Hom	Mulh	Hom		Mulh	Hom			Mulh
0-4	6768	6536	8395	8133	7582	7334	35.1	35.1
5-9	17878	17218	18867	18209	18372	17713	80.2	80.3
10-14	32027	30833	32296	31032	32162	30932	143.7	142.5
15-19	29224	31022	29467	31152	29346	31087	145.5	156.8
20-24	36262	31471	36813	31664	36538	31567	179.5	161.6
25-29	25401	23820	25934	24001	25668	23910	130.9	122.4
30-34	11763	15148	12065	15301	11914	15224	66.2	85.4
35-39	12675	15576	13085	15787	12880	15681	83.3	103.0
40-44	13162	13494	13754	13751	13458	13622	105.9	110.9
45-49	9002	8895	9587	9156	9295	9026	95.4	94.1
50-54	4675	4119	5122	4298	4899	4208	59.5	51.4
55-59	4261	5743	4847	6134	4554	5939	66.8	83.0
60-64	5562	6669	6650	7359	6106	7014	105.1	112.1
65-70	2043	2027	2646	2342	2344	2184	56.2	46.8
70-74	1401	967	2056	1227	1729	1097	63.5	34.1
Saldos migr hom		212103	221585	216845				
mul		213535	219546	216541				
total		425638	441132	433385				

Fonte: 1990: Arquivo Demográfico - elaboração própria

A análise dos saldos migratórios e as taxas líquidas de migração por sexo e faixa etária (tabela 7), obtidas pelos métodos *Foward*, *Reserve* e *Average* de Probabilidade de Sobrevivência retiradas das tábuas construídas para 1980 e 1990 para a RA Campinas, revela grande proximidade da intensidade migratória entre os sexos, e uma boa compatibilidade do saldo total com aquele obtido através das Estatísticas Vitais (454.984 - F.Seade 1993).

Em uma perspectiva comparativa-longitudinal, a migração líquida em 1980/90 apresentou forte queda em relação aos anos 70, aproximando-se aos níveis da década de 60 para os homens (tabela 8, gráficos 6 e 7). Para as mulheres as taxas de 1980/90 são um pouco superiores às de 1960/70. Com relação ao padrão das curvas de migração, houve um rejuvenescimento da idade média da migração líquida e uma aproximação muito grande das taxas médias por idade entre os dois sexos. As taxas líquidas de migração atingem o máximo em torno das idades de 15 a 24 anos, para ambos os sexos, caindo monotonicamente nas idades seguintes.

Tabela 8 : Taxas Líquidas de Migração
suavizadas por média móvel
RA Campinas 1960-1990

Faixa Etária	Homens			Mulheres		
	60/70	70/80	80/90	60/70	70/80	80/90
0-4	20.6	38.4	35.1	20.6	35.8	35.1
5-9	58.9	138.7	86.3	64.6	140.8	86.0
10-14	97.1	207.0	123.1	109.2	216.1	126.5
15-19	136.0	266.1	156.2	139.0	247.0	153.7
20-24	159.9	261.1	152.0	99.2	225.0	146.9
25-29	149.1	246.8	125.5	44.6	196.1	123.1
30-34	116.8	217.9	93.5	30.3	190.9	103.6
35-39	89.6	180.5	85.1	48.8	164.2	99.8
40-44	95.8	174.5	94.9	79.3	160.9	102.7
45-49	121.8	170.9	87.0	70.9	154.9	85.4
50-54	111.2	163.1	73.9	63.1	144.7	76.2
55-59	98.9	152.4	77.2	56.5	130.9	82.2
60-64	91.8	152.1	76.0	63.4	126.8	80.7
65-70	135.8	189.3	74.9	105.2	161.0	64.3
70-74	161.6	208.7	59.8	126.8	179.7	40.4

Fonte: 1960-1980: Perillo (1985)

1990: Arquivo Demográfico - elaboração própria

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório teve a finalidade de levantar informações qualitativas e quantitativas para subsidiar as projeções demográficas de Campinas e Região no período 2000-2025.

Os subsídios aqui apresentados foram eminentemente de natureza demográfica, e devem ser complementados com outras informações qualitativas acerca de outros aspectos da dinâmica sócioeconômica e sócio-cultural da região. Há importantes processos em curso no Estado e no Brasil que podem ter repercussões importantes sobre a Região de Campinas. Desdobramentos do Mercosul, decisões governamentais com relação aos destinos do Pro-álcool, investimentos estrangeiros para instalação de novas plantas industriais, reconcentração industrial no Estado de São Paulo, comportamento do mercado de trabalho regional e da Grande São Paulo, aumento da criminalidade e da fecundidade precoce são alguns dos acontecimentos que tem impacto direto na dinâmica demográfica regional.

Ainda que não se possa prever, com certeza, o desenrolar dos acontecimentos é possível conjecturar sobre cenários alternativos futuros.

6. BIBLIOGRAFIA

- CAMPANÁRIO, P. & YAZAKI, L.M. A fecundidade em São Paulo e suas regiões de governo: níveis e tendências. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.25,p.11-58, 1994.
- FERREIRA, C.E. Métodos para estimar a migração: aplicações para o estado de São Paulo 1940/50 1950/60 1960/70 . **Informe Demográfico**, São Paulo, v.6,p.3-43, 1982.
- HOGAN, Daniel J. **Projeto qualidade ambiental e desenvolvimento regional nas bacias dos rios Piracicaba e Capivari- Tabelas**. Campinas:NEPAM/UNICAMP, 1995.
- JANNUZZI, P.M. **Redistribuição Regional da População no Interior Paulista nos anos 80**: em busca dos determinantes estruturais do fenômeno. São Paulo: EAESP/FGV, 1994. (Dissertação de Mestrado)
- MAIA, P.B. & CAMPANÁRIO, P. A mortalidade por causas no Estado de São Paulo no período 1980/1992. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.26,p.3-40,1994.

- MORELL, M.G.G. Anticoncepção em São Paulo em 1986: prevalência e características. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.25,p.199-331, 1994.
- NAÇÕES UNIDAS **Projection methods for integrating population variables into development planning**. New York: UN/ESA, 1989.
- ORTIZ, L.P & PERILLO, S. A mortalidade no estado de São Paulo - tendências recentes e perspectivas até o ano 2000. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.19,p.173-226, 1986.
- ORTIZ, L.P. & MARANGONE CAMARGO, A.B. Mortalidade infantil em São Paulo no período de 1980/1992. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.26,p.77-116, 1994.
- ORTIZ, L.P. & YAZAKI, L.M. Tábuas de mortalidade para o estado e regiões administrativas de São Paulo 1979/81. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.14,p.1-118, 1984.
- PATARRA, Neide & BAENINGER, Rosana Regionalização em São Paulo: novas tendências ou consolidação de processos recorrentes. **Projeto "A nova realidade socio-econômica do Estado de São Paulo"**. Campinas: SEADE/FECAMP, 1994.
- PERILLO, S. & RODRIGUES, R.N. Aplicações metodológicas para estimar a migração no estado de São Paulo no período intercensitário 1970/80. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.16,p.11-38, 1985.
- PERILLO, Sonia R. O que muda na dinâmica migratória do estado de São Paulo nos anos oitenta. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 8., Brasília, 1992. **Anais...** Brasília: ABEP, v.3,p.255-270, 1992.
- PERILLO, S. Evolução dos saldos migratórios regionais: uma breve comparação entre as décadas 1960/70 e 1970/80. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.16,p.39-132, 1985.
- RODRIGUES, R.N. & PERILLO, S. Perspectiva da migração no estado de São Paulo e nas 11 regiões administrativas para o período 1980-2000. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.19, p.1-78, 1986.

SEADE Migração no interior paulista. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.23,p.1-126, 1990.

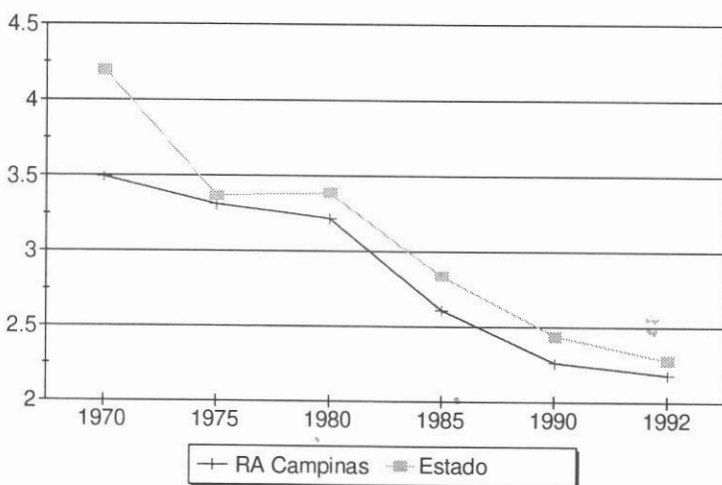
_____ **O novo retrato de São Paulo**. São Paulo, 1993.

WALDVOGEL, B. & CAPASSI, R. Mortalidade infantil segundo a geração e o sexo: determinação do coeficiente de separação para as regiões paulistas no período de 1980-1992. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.26,p.117-165, 1994.

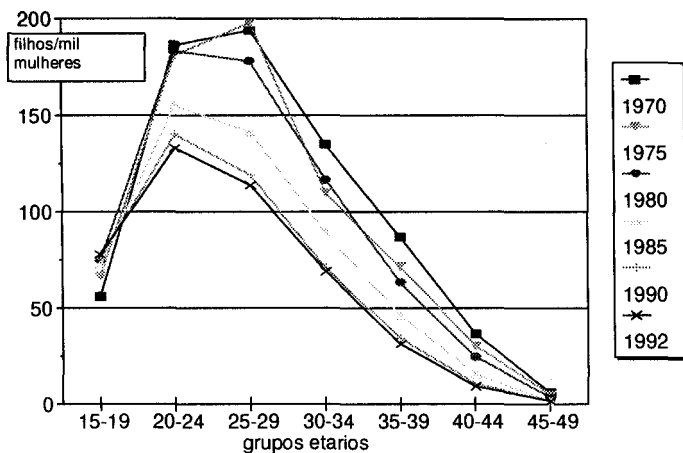
WALDVOGEL, B. et al Nascimentos no estado de São Paulo: situação do sub-registro nos anos 80 e diferenciais regionais. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.25, p.145-198, 1994.

WONG, Laura R. Tendência e perspectiva de fecundidade no Estado de São Paulo. **Informe Demográfico**, São Paulo, v.19, p.79-172, 1986.

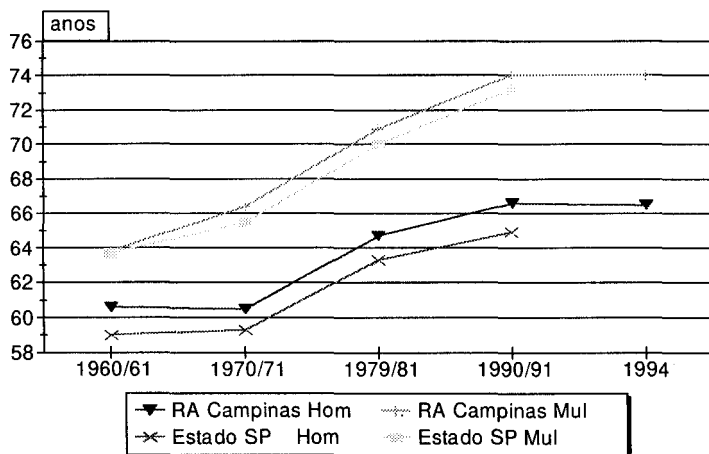
Graf. 1: Evol. Tx Fec Tot
Estado SP e RA Campinas



Graf.2: Taxas fecundidade
RA Campinas 1970-1992

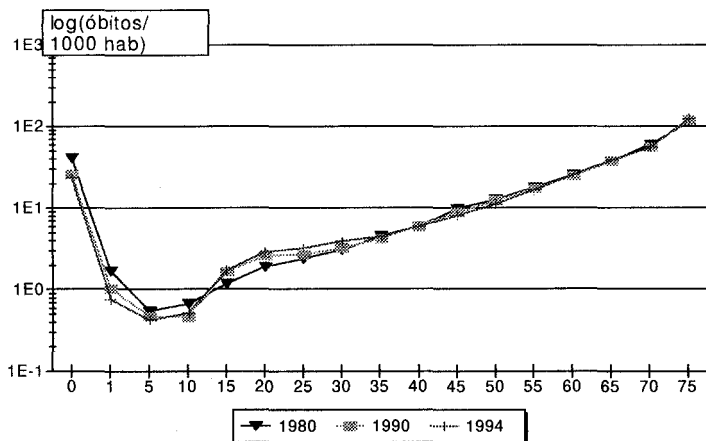


Graf.3 : Esperança de Vida
Estado de SP e RA Campinas

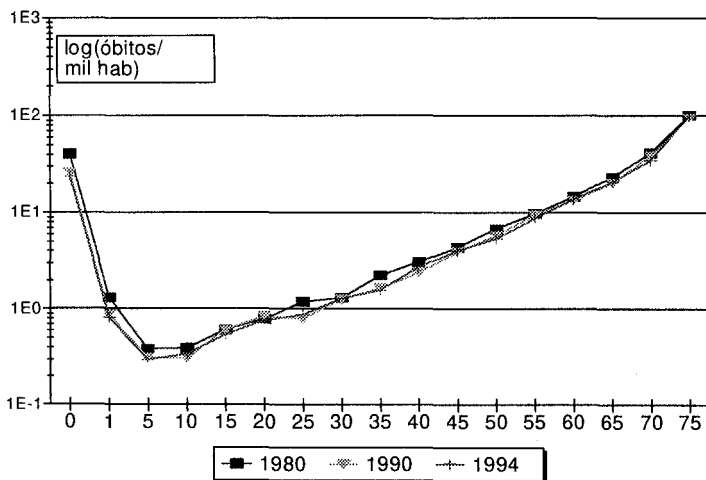


Projeções Popacionais para Campinas...

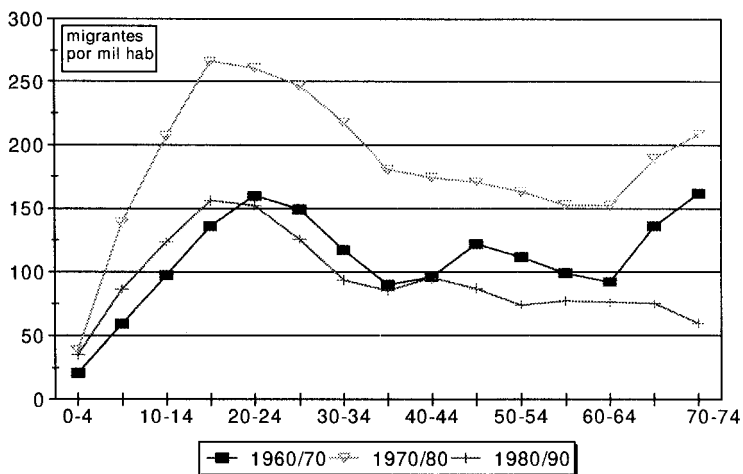
Graf.4 :Tx Mortalidade
RA Campinas Homens



Graf.5:Taxas Mortalidade
RA Campinas Mulheres



Graf.6: Taxas Liq Migraçao
RA Campinas Homens (suaviz.)



Graf.7: Taxas Liq. Migração
RA Campinas Mulheres (suaviz.)

